

As bases, em Freud, do conceito lacaniano de gozo¹

*Flávia Parizi Pedroso Coelho², Oliveira
Cláudia Aparecida de Oliveira Leite³, Divinópolis
Pedro Sobrinho Laureano⁴, São João del-Rei
Wilson Camilo Chaves⁴, São João del-Rei*

Lacan, ao explicitar a questão do gozo em O seminário, livro VII, a ética da psicanálise (1959/1960), articula-o à satisfação de uma pulsão de morte que ultrapassa as barreiras do princípio do prazer, trazendo, assim, na maioria das vezes, satisfação na dor, gerada por uma compulsão à repetição inconsciente. Assim, metonimicamente, a elaboração do gozo em Lacan nos lança para noções e conceitos fundamentais em Freud, sem os quais sua enunciação se configuraria apenas em jargões e não como construção teórica a partir da clínica. Nesse sentido, sustentamos que seria impossível conceber esta elaboração do gozo, suscitada no referido seminário, sem remeter às bases conceituais que tornam o conceito de gozo possível em Lacan, bem como ao encontro com uma noção de gozo em Freud.

Palavras-chave: Freud; Lacan; Pulsão de morte; gozo

¹ Artigo derivado de dissertação de mestrado apresentada ao PPGPSI – UFSJ – Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei em 2017. Linha de Pesquisa: Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica: articulações.

² Psicóloga Clínica, graduada pela UEMG – Divinópolis/MG, mestre em Psicologia pela UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei.

³ Psicóloga Clínica e Professora titular do Curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Divinópolis – MG.

⁴ Psicólogo Clínico e Professor titular do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei.

Introdução

Quando iniciamos a pesquisa sobre a abordagem que Jacques Lacan construiu sobre o conceito de gozo, de saída deparamo-nos com diversos comentadores da sua obra que apontam, quase como uma definição, que gozo teria a ver com uma satisfação da pulsão. Para embasar essa ideia, somos remetidos ao livro *O seminário, livro VII, a ética da psicanálise* (1959/1960), em que Lacan traz a articulação do seguinte modo: “[...] o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão, no sentido em que esse termo precisa de uma elaboração complexa” (Lacan, 1959/1960, p. 251).

O próprio autor nos adverte que é preciso, antes de se estabelecer uma ligação entre gozo e satisfação de uma pulsão, que este último termo seja minuciosamente elaborado. Assim, algumas questões são suscitadas: como apreender o enunciado de Lacan sobre o gozo sem fazer uma pesquisa, *a priori*, sobre o conceito freudiano de pulsão? Lacan fala de uma pulsão, e não de qualquer uma. Portanto, de qual satisfação se trata no gozo? E, a partir daí, poderíamos sustentar que existe, já em Freud, uma noção de gozo, mesmo que não o tenha conceituado como Lacan o fez? Em torno desses questionamentos, o presente trabalho foi tecido objetivando demonstrar a impossibilidade de conceber o conceito de gozo em Lacan sem remeter a uma noção de gozo inscrita na teorização de Freud.

Neste sentido, tomaremos a citação de Lacan em *O seminário, livro VII, a ética da psicanálise* (1959-1960), como fio condutor desse artigo, pois, nessa passagem, Lacan explicita que sua construção sobre o gozo se estabelece sobre a base conceitual de Freud. Sustentamos, dessa maneira, que não há como conceber o conceito de gozo em Lacan sem passar por Freud, por seus conceitos, noções e ideias, tais como aparelho psíquico, satisfação, pulsão, compulsão à repetição e trauma. Para tal, construiremos uma breve revisão bibliográfica de textos freudianos que formulam noções formadoras da base para o conceito lacaniano de gozo.

A noção/conceito de gozo

A priori, na psicanálise, a questão do gozo tem uma dimensão jubilosa, tanto para Freud quanto para Lacan, como rebotinho da sua significação comum, ligada ao prazer. Neste sentido, se faz necessária, para sua delimitação, a diferenciação entre prazer e gozo. O prazer é comumente definido em relação ao seu oposto: dor/

sofrimento. Tal binarismo surge com a filosofia das luzes, que associa o prazer ao bem e sofrimento ao mal (Miller, 2012). Nesta filosofia, o homem deveria guiar-se pelo bom para obter prazer. Ideia semelhante a uma ética greco-latina: “quem faz o bem é feliz, quem faz o mal é infeliz; o crime não compensa” (Julien, 1996, p. 25). Freud, por sua vez, questionando a fronteira entre prazer e dor, nota que é possível encontrar prazer na dor e felicidade no ato criminoso. Assim, é possível considerarmos que “[...] subjacente ao que se distingue na experiência do prazer e do sofrimento, há algo que invariavelmente se satisfaz e do qual não se sabe. Lacan deu-lhe o nome francês de *jouissance* (gozo)” (Miller, 2012, p. 13). De acordo com Roudinesco & Plon (1998), o gozo em Lacan pode ser compreendido como algo:

Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. Posteriormente, o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual expressa em fórmulas da sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar) (p. 299).

Em *O seminário, livro VII, a ética da psicanálise* (1959/1960), Lacan delinea de forma mais específica a questão do gozo, articulando-o, fundamentalmente, ao conceito freudiano de pulsão de morte e transgressão da lei paterna. Conforme o mencionado anteriormente, nesse seminário, encontraremos a citação que nos norteia e que deixa o rastro da elaboração lacaniana sobre o gozo:

O problema do gozo, visto que ele se encontra soterrado num campo central, com aspecto de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil para o sujeito, inacessível, talvez, uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão, no sentido em que esse termo precisa de uma elaboração complexa (Lacan, 1959/1960, p. 251).

Seguiremos essa recomendação de Lacan, a qual nos permitirá buscar as elaborações complexas realizadas por Freud sobre uma espécie de satisfação pulsional que ele encontrava escutando seus pacientes na experiência clínica. Ressaltamos, assim, que o termo *gozo*, propriamente dito, aparece poucas vezes na obra de Freud, sendo usado como vocábulo, *Genuss*, “[...] para designar o que

é experimentado graças à representação estética” (Kaufmann, 1996, p. 221), ou no lugar da palavra *lust*, significando apetite, desejo, algo próximo à significação do gozo como sinônimo de prazer (Valas, 2001).

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905b) traz o termo ao se referir à questão da problemática da insatisfação, da falta de prazer dos homossexuais na relação com o sexo oposto. Segundo Freud, “quando se trata de homens, essa aversão os incapacita de praticarem o ato sexual normal, ou então não extraem dessa prática nenhum gozo” (p. 129). Em seu texto *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905a), escrito no mesmo ano, Freud traz o vocábulo *gozo* articulado à repetição e não só ao prazer, algo que não se dá como uma reprodução idêntica, mas uma repetição do novo, no recontar o chiste a alguém que não o tenha ouvido:

[...] probablemente, la impresión que el mismo produce en el nuevo oyente nos compensa en parte de la pérdida de posibilidades de goce que supone su falta de novedad para nosotros. Un análogo motivo será también el que impulse al creador del chiste a comunicar-lo a los demás (Freud, 1905a, p. 1116)⁵.

De acordo com Kaufmann (1996), teríamos, nessa abordagem, o chiste vinculado a uma repetição e não só ao prazer, a “[...] primeira conceitualização do gozo em Freud” (p. 221). Para este autor, há uma conceitualização do gozo em Freud, fazendo-o divergir de outros teóricos, tais como Roudinesco & Plon (1998), a qual afirma que quem torna o gozo um conceito é Lacan. Valas (2001), por sua vez, assim como Braunstein (2007), considera que o termo gozo para Freud não passa de um vocábulo da língua. Segundo eles, mesmo sem ter transformado o *Gozo* em um conceito, mesmo sem o ter nomeado como tal, Freud destacou-o em sua experiência clínica. Observamos, portanto, que não há uma unanimidade em relação a essa questão. Assim, parte-se da premissa de que a ideia do gozo como sistema conceitual teria sido trabalhada por Lacan, mas tal feito só foi possível por meio de uma noção de gozo que pairava na obra de Freud, nas reviravoltas da pulsão, nos intercursos com o desejo.

Neste sentido, Freud (1909) destaca o gozo em sua clínica, como no caso do paciente conhecido como *Homem dos ratos*: ao narrar uma história que havia sido a ele contada, a respeito de um suplício em que se colocavam ratos no ânus

⁵ N.A.: provavelmente a impressão que o mesmo produz no novo ouvinte nos compensa em parte a perda de possibilidades de gozo, que supõe sua falta de novidade para nós. Um motivo análogo será também o que impulsiona criador do chiste a comunicá-lo aos demais (Tradução livre).

como forma de castigo, o paciente tinha uma expressão estranha no rosto que “[...] só podia interpretá-la como uma face de horror ao prazer todo seu do qual não estava ciente” (Freud, 1909, p. 150). No *Caso Schreber* (1913-1914), Freud parece notar algo na dimensão da volúpia de um gozo infinito. Schreber ficava por horas olhando e adornando seu corpo que, para ele, estava a se transformar em um corpo de mulher. Essa satisfação obtida pela repetição foi apresentada por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920a), ao perceber uma espécie de satisfação na repetida brincadeira de seu neto com um carretel, o jogo do *Fort-Da*, em que a criança reiterava as ausências de sua mãe. Essa repetição se incluía também nos sonhos traumáticos de seus pacientes, sonhos em que eles reviviam experiências dolorosas. Na relação transferencial, Freud nota a dificuldade dos pacientes em abandonar o sintoma que lhes causava desprazer, mas que, ao mesmo tempo, trazia uma espécie de satisfação.

O aparelho psíquico

Freud, já no início de suas elaborações teóricas, provocado pelo que encontrava na sua clínica, principalmente com as histéricas, evidencia, *a priori*, que o aparato psíquico humano é aquilo que conduz inevitavelmente à insatisfação e que, de maneira paradoxal, por isso mesmo, satisfaz. Podemos observar que, no texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), Freud, em meio a uma troca de correspondências com Wilhelm Fliess, manifesta seu interesse em: “[...] prover uma psicologia que seja ciência natural” (p. 347). Assim, ele intenta encontrar um meio de representar os processos psíquicos relacionados a um *quantum* de energia; dessa forma, estabelece que a Q (quantidade)⁶ seria distinta da atividade de repouso. A materialidade do aparelho seria composta por partículas, atribuídas aos neurônios denominados por meio das letras gregas *Phi* (Φ), *Psi* (Ψ) e *Ômega* (ω), as quais seriam similares, mas com funções e posições diferentes na formação de sistemas.

Os neurônios Φ estariam articulados à percepção e à periferia encarregada de receber Q proveniente do mundo exterior ao organismo. Pela magnitude dos estímulos, relativamente mais intensos, eles não reteriam nenhuma carga, portanto seriam permeáveis ao que Freud denomina *barreiras de contato* entre os neurônios. Estas barreiras não ofereceriam nenhum tipo de resistência à passagem de energia. Nesse sistema, a energia não se acumularia por ser rapidamente descarregada.

⁶ Em *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1950), usa a letra Q para designar o que se refere à energia quantitativa do aparelho psíquico.

O sistema Ψ , mais complexo, se relacionaria tanto com quantidades de energia advindas da fonte interna do organismo (estímulos endógenos) como com quantidades externas, recebidas através do sistema Φ . Esse sistema seria dividido em dois grupos: neurônios *Pallium* (manto), investidos pelo sistema perceptivo Φ , e os neurônios nucleares, investidos pelas vias endógenas. Seriam parcialmente permeáveis, pois poderiam acumular Q e, após a passagem de energia, ter seus neurônios alterados, constituindo assim uma memória impressa pela alteração. Nesse sistema, as barreiras de contato serviriam de resistência ao escoamento total da energia. No entanto, as barreiras de contato permitiriam, apesar da retenção, algum escoamento de energia. É a partir dessa condução parcial que Freud (1895[1950]) elabora a ideia de facilitação: “[...] a memória está representada pelas facilitações existentes entre os neurônios Ψ ” (p. 352).

As facilitações serviriam para evitar que o sistema nervoso ficasse excessivamente carregado de energia ou para manter o menor nível possível de carga no aparelho psíquico. Freud (*Ibid.*) explicita que, diante da exigência da vida, o sistema nervoso teria sido forçado a fazer uma reserva de Q_n (interna): para tanto, teve que aumentar em número os neurônios que necessitavam ser impermeáveis e “[...] agora evita, pelo menos em parte, de ficar cheio de Q_n (catexia), recorrendo a facilitações. Verifica-se que as facilitações servem à função primária, (do sistema nervoso)” (*Ibid.*, p. 353).

Deve-se entender a ideia de facilitação não no sentido de *mais fácil*, mas como trilhas e marcas deixadas na passagem de excitações entre os neurônios Ψ . A facilitação seria constituída pela intensidade da impressão e pela frequência, pela quantidade de vezes que a impressão era repetida. Ou seja, depois do caminho aberto, a repetição deste caminho o tornaria, a cada repetição, mais marcado, mais trilhado e mais viável como percurso para a passagem da excitação.

Até o momento, o que se elaborara a respeito do aparelho psíquico, para Freud, em 1895, referia-se a um funcionamento não regido pela consciência e pela razão, mas circunscrito ao *quantum* de energia. Assim, ele propõe um psiquismo constituído, em sua maior parte, por processos dinâmicos e energéticos, tendo a consciência lugar muito restrito. Tem-se aí um psiquismo em termos de uma dinâmica econômica na qual o que se destaca não é a qualidade (sentido), mas a quantidade e seu efeito psíquico. Esse é um vislumbre do que se segue à descoberta freudiana do inconsciente. Toda esta questão energética é reconhecida por Freud, em sua clínica, como *ideias excessivamente intensas – na histeria e nas obsessões* (Freud, 1895[1950]). A consciência, no psiquismo, refere-se ao sistema ω , “[...] excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de

excitação produzem diversas qualidades – ou seja, são sensações conscientes” (p. 361).

Para explicar o funcionamento psíquico em sua dinâmica, Freud (*Ibid.*) estabelece a noção de princípio de inércia como princípio básico do aparelho neuronal, que teria como função primária o modelo arco-reflexo de funcionamento na busca por se livrar dos estímulos que chegam ao organismo. Assim, era requerido que toda quantidade chegada fosse descarregada, via neurônios motores, mantendo o aparelho psíquico livre de estímulos. Tal descarga abria caminho para o advento da função secundária, pois algumas vias de descarga seriam preferidas e conservadas em detrimento de outras, pela necessidade de fugir dos estímulos. Essas vias de descarga seriam memorizadas no aparelho neuronal. Desta forma, a segunda função seria realizada sem abalar o princípio da inércia.

Entretanto, o princípio de inércia é rompido em parte, desde o início, pelos estímulos endógenos, “[...] à proporção que (aumenta) a complexidade do interior (do organismo), o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático – estímulos endógenos” (Freud, 1895[1950], p. 348). Esses estímulos requerem mais que uma ação reflexa e uma fuga de estímulos, necessitam de uma ação específica no mundo externo. Para realizar tal ação, é preciso que o organismo abandone a inércia e passe a tolerar um acúmulo de energia. A tendência à inércia persiste, só que transformada “[...] pelo empenho de ao menos manter a Qn no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante” (*Ibid.*, p. 349).

Os estímulos endógenos seriam criadores de grandes necessidades, como a fome e a sexualidade. Neste sentido, seriam os precursores da pulsão. Nas correspondências com Wilhelm Fliess e no *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), Freud elabora a ideia de libido, de energia psíquica, que se situa na origem da atividade humana, denominando-a como *impulso* endógeno das excitações internas e incontroláveis ao sujeito, das quais era impossível a ele fugir ou se esquivar (Roudinesco & Plon, 1998). A partir desta elaboração, Freud (1895[1950]) apresenta a hipótese de duas experiências que seriam estruturantes para o aparelho psíquico: a experiência da satisfação e a experiência da dor.

A experiência da satisfação põe em cena o desamparo inerente ao ser humano, bem como sua dependência do outro. No que tange à questão dinâmica no aparelho mental, a experiência da satisfação se iniciaria com a catexia (investimento) dos neurônios do núcleo em Ψ e, por conseguinte, conduziria primeiramente à descarga via motora, que redundaria em uma alteração interna expressa por meio de gritos e choro. No entanto, esta descarga não traria alívio, uma vez que o estímulo endógeno restabeleceria a tensão em Ψ . Nesta circunstância, o aparelho não seria capaz de se

reger a partir de seu princípio básico de inércia, não conseguindo manter-se livre da Q. O estímulo endógeno só poderia ser suspenso a partir da interrupção provisória da descarga de quantidade no interior do corpo, o que só seria possível por meio de ação específica no mundo exterior, a qual seria efetivada de uma determinada maneira. O recém-nascido, por ele mesmo, não conseguiria realizar sozinho tal ação. Será preciso um *outro hábil*, como, por exemplo, a mãe, que interprete o grito do infante e lhe forneça os meios necessários para eliminar a tensão. A mãe, como intérprete da fome do seu rebento, alimenta, e assim completa o ciclo da experiência da satisfação para a criança. Esta via de descarga que envolve o outro para execução de uma ação específica é de suma importância para o surgimento da “[...] função secundária de comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (Freud, 1895[1950], p. 370). Apareceria aí a mediação do signo da linguagem na relação com outro.

Na experiência da satisfação, associa-se a imagem do objeto que proporcionou satisfação à imagem do movimento que resultou na descarga. Em decorrência desta associação, quando ressurge o estado de excitação no núcleo Ψ , tal excitação seguirá o caminho já traçado pela facilitação. No texto *A interpretação dos sonhos*, capítulo VII, (1900), Freud elabora essa questão a partir da noção de desejo, tratando-a como impulso à reanimação constante das vias facilitadas, em uma necessidade de retornar à experiência da satisfação primeira. No entanto, esta ativação do desejo conduziria a uma percepção alucinatória do objeto e “[...] uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento” (Freud, 1895[1950], p. 372).

No que concerne à experiência da dor, é necessário lembrar que o aparelho psíquico tem como tendência primordial manter-se livre de Q, evitando o desprazer gerado pelo acúmulo da mesma, que seria sentido em ω . A dor acionaria tanto o sistema perceptivo quanto o sistema de memória e seria “[...] o mais imperativo de todos os processos” (Freud, 1895[1950], p. 359). Também não seria sem efeitos sua experiência, pois estabeleceria uma facilitação entre a propensão à descarga e uma imagem do objeto que provocaria a dor. Desta forma, quando a imagem do objeto hostil é reinvestida, por exemplo, por alguma percepção, apareceria um estado que não seria de dor, mas semelhante, correspondendo a um desprazer e a uma tendência à descarga que seria equivalente à experiência da dor. Na primeira experiência da dor propriamente dita, a quantidade irrompida seria advinda da Q externa, elevando o nível do sistema Ψ . No que se refere à reprodução da experiência, a lembrança seria reinvestida e o desprazer seria liberado a partir do interior do próprio corpo e novamente transmitido.

Das duas experiências sobriam resíduos, o afeto e o estado de desejo,

sendo que ambos aumentariam a tensão quantitativa em Ψ . No que concerne ao afeto, haveria uma liberação súbita e, no caso do estado de desejo, por somação de Q. Os dois estados “[...] são da maior importância para a passagem [quantidade] em Ψ , pois deixam atrás dele motivações para isso, que se constituem no tipo compulsivo” (Freud, 1895[1950], p. 374). No caso do *estado de desejo*, resultaria em uma atração positiva em direção ao objeto desejado (imagem do objeto) e, na dor, levaria à *repulsa*, por manter investida a imagem da dor na imagem do objeto hostil. A dor possuiria tanto o aspecto quantitativo, expresso pelo aumento de Q, como qualitativo, que indicaria prazer ou desprazer.

Estes dois resíduos vão produzir: atração de desejo primária e defesa primária (ou recalçamento). No primeiro caso, pelo fato da imagem mnêmica agradável (satisfação) ser muito mais investida quantitativamente que uma percepção qualquer, assim possuiria uma facilitação livre para o escoamento que passaria de Ψ (núcleo) para o neurônio do *pallium* (ligado à percepção). A lembrança da imagem agradável seria, portanto, investida e corporificada enquanto percepção, não do objeto real, mas alucinado, o que resultaria em um desprazer.

Quanto à defesa primária, que nesse momento corresponderia ao recalçamento, Freud (1895[1950]) considera ser mais difícil de explicar pelo fato de a imagem hostil ser rapidamente desinvestida e, assim, abandonada. É o aparelho psíquico que, para se defender, decreta o exílio à lembrança traumática na medida em que busca descarga para reproduzir o estado que cessou a dor: o momento da satisfação. A tendência ao recalçamento e inibição do estado de desejo e do afeto se dá em Ψ , na organização do Eu. Assim, as facilitações fariam parte do domínio do Eu, o qual corresponderia a um veículo de reserva solicitado pela função secundária. Logo, o Eu deveria inibir o processo primário e, desta maneira, possibilitar a diferença entre a percepção e a lembrança através da indicação de realidade proveniente do sistema perceptivo ω .

No texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), Freud traz a questão do recalçamento do que seria traumático como origem da compulsão histórica. Tal compulsão manifesta-se pela emergência de “[...] ideias excessivamente intensas” (p. 401), surgidas à consciência sem que nada na realidade, *a priori*, as justifique, ininteligíveis. Ideias que, em sua emersão, teriam consequências que não poderiam ser suprimidas e compreendidas, tais como inervações motoras, impedimentos e descarga de afeto.

Nesse sentido, Freud apresenta o caso Emma tratando-o como um caso de recalçamento na histeria. Emma sofria por não conseguir entrar sozinha em lojas. Nessa época, para Freud, o sintoma histórico teria uma causa sexual traumática como efeito de uma sedução infligida na infância. Dessa situação, restaria uma

lembrança, inassimilável e impossível de se integrar ao sistema de representação, sistema do Eu, que provocava, com sua presença, um aumento tensional sem encontrar caminhos para descarga; isto seria uma ameaça ao funcionamento do Princípio do Prazer, que tem por função estabelecer a regulação energética do aparelho psíquico. Esse princípio decretaria a exclusão da lembrança traumática. Contudo, este afastamento, esta repressão, longe de fazer desaparecer a evocação do trauma, acaba por eternizá-la: “[...] fica a lembrança como um quisto na estrutura psíquica” (Braunstein, 2007, p. 21).

Freud descartaria a teoria da sedução em 1896, na *Carta 69*, dirigida a Wilhelm Fliess, onde escreve: “Não acredito mais em minha neurótica [teoria das neuroses]” (p. 309). Essa seria substituída pela teoria da fantasia por reconhecer que muitas vezes não se tratava de uma sedução vivida na realidade. Ao mesmo tempo, Freud reconheceu que as histéricas que relatavam essas vivências não mentiam e quando, de fato, algumas vezes havia ocorrido o abuso, não explicava o surgimento da neurose. Freud abandonaria “[...] duas coisas: a resolução completa de uma neurose e o conhecimento seguro de sua etiologia na infância” (p. 310).

Essa teoria torna-se insustentável quando Freud, em 1905b, inicia a elaboração da teoria de sexualidade infantil. Ele se empenha, a partir dessa, em reformular sua concepção da sexualidade, ainda que mantenha “[...] a ideia de que o recalque das moções sexuais era a causa de um conflito psíquico que conduzia à neurose” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 628). Com o abandono do trauma como um evento real, Freud (1905a) reconhecerá a sexualidade na criança como perversão polimórfica, a qual possui como cenário para seu desenvolvimento as relações edípicas com os pais. Garcia-Roza (2009) considera que Freud jamais teria se desfeito por completo da teoria da sedução; abandonaria, mas não inteiramente, a tentativa de restabelecer a cena originária, pois nenhum ser humano escaparia da sedução dos cuidados maternos. Braunstein (2007), por sua vez, reconhece a importância da etiologia da neurose para o conceito de gozo quando trata da sedução na constituição do sujeito na linguagem.

A energia da pulsão sexual é a fonte de energia constante que sustentaria os sintomas neuróticos. Com o conceito de pulsão sexual, Freud introduz o campo da sexualidade em ruptura com o discurso biologicista, discurso médico e discurso da sexologia. Ele rompe, portanto, com a ideia de uma sexualidade que mantém uma função puramente reprodutiva. Para Freud, (1905a), a pulsão sexual é:

[...] o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciar de “estímulo”, que é produzido por

excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico (Freud, 1905a, p. 159).

A pulsão sexual, que assume a forma de pulsão parcial na infância, nasce apoiada em uma necessidade biológica. Em suas formulações, Freud discute, mesmo sem nomear, a questão do gozo ligada ao nascimento da atividade repetitiva de entrada no autoerotismo, que se refere a uma pulsão que “[...] satisfaz-se no próprio corpo” (Freud, 1905a, p. 170), dando origem a zonas erógenas no corpo da criança que são reiteradamente investidas pela energia pulsional da libido. As pulsões, desta forma, surgem quando o prazer de sugar torna-se independente da satisfação da necessidade nutricional.

A satisfação conseguida pela resposta à necessidade nutricional cria a demanda e o desejo, assim como induz à repetição do processo amparado no “[...] investimento pulsional: a necessidade transforma-se em demanda propriamente dita, sem que, no entanto, o gozo inicial, o da passagem da sucção para chuchar possa ser resgatado” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 300). O desejo se instaura nessa falta que resulta da busca por um objeto que traga consigo a satisfação total e mítica da vivência de um “[...] presumido paraíso da experiência de satisfação que nada mais é do que uma invenção retroativa” (Braunstein, 2007, p. 360). Há, nesse sentido, uma tentativa de reeditar a satisfação inicial estabelecida na procura incessante de um objeto aspirante a ocupar o lugar da coisa (*das Ding*), objeto absoluto, para sempre perdido pelo fato de que nunca existiu (Garcia-Roza, 2008). Essa busca pelo objeto perdido traz a dimensão da impossibilidade da sua satisfação, e a esse impossível o aparelho psíquico responde com um possível, estabelecendo permutas com outros objetos.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b), temos, portanto, a distinção entre as pulsões ligadas à satisfação da necessidade e as pulsões sexuais, estas últimas circunscrevendo as pulsões parciais e o autoerotismo. No texto que Freud elabora em 1910, *A concepção psicanalítica da psicogênica da visão mental*, encontramos a distinção entre as pulsões mediante a nomeação do dualismo: pulsão de autoconservação e pulsão sexual.

O dualismo pulsional recebe uma observação privilegiada de Freud em 1914, no texto *A guisa de introdução ao narcisismo*. Ele verifica que, na psicose, o que existe é uma retirada da libido dos objetos externos, a qual se reverteria para o Eu, e assim o próprio Eu transforma-se em objeto de amor (Roudinesco & Plon, 1998). Desse modo, Freud define o narcisismo como “[...] o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autopreservação [...]” (Freud, 1914, p. 97). A ideia seria a de apontar a distinção entre libido do Eu e libido dos objetos, bem como

o fluxo libidinal que circula numa “[...] balança energética [...]” (p. 99). Alertado quanto ao fato de que o investimento objetual escamoteia a libido narcísica, Freud procura demonstrar como o narcisismo primário se efetiva. Para tanto, ele observa a megalomania e as vivências crepusculares na paranóia, elementos essenciais que já haviam sido observados em sua análise das Memórias de Schreber.

Com essa reformulação, Freud demarca a dualidade pulsional denominada, por um lado, libido do Eu ou narcísica, e, de outro, os objetos externos, ou seja, de um lado estão as Pulsões do Eu e, de outro, as Pulsões sexuais. Freud (1914) argumenta que essa diferenciação é delimitada somente “[...] quando passa a ocorrer um investimento nos objetos é que se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu” (p. 99).

A anunciação de um para-além do princípio do prazer: pulsão de morte

A dualidade pulsional receberá uma nova reformulação no texto *Além do princípio do prazer* (1920). Freud a reformula articulando a pulsão de morte em relação à pulsão de vida. Diante de fenômenos que se apresentam como uma busca compulsiva a repetir experiências desagradáveis, Freud busca reconhecer a dominância do princípio do prazer, na medida em que supõe a existência de algo além deste princípio a reger o aparelho psíquico.

Até os anos 20, o princípio do prazer era concebido por Freud na relação entre o aumento e a diminuição de tensão no aparelho psíquico. Desse modo, o aumento de tensão é reconhecido como desprazer, ao passo que a diminuição da tensão equivale ao prazer. Na base dessa teoria, encontramos o argumento de um princípio de constância que pressupunha, em sua lógica, a existência de um nível ótimo que regularia o psiquismo, sendo que, em razão disso, uma invasão perturbaria esse funcionamento ideal (Monzani, 1989).

Nesse momento, Freud (1920b) delimita dois campos distintos, anunciando, de forma explícita, a ideia de Princípio de Nirvana, a qual já se encontrava no *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), e de forma implícita, o Princípio de inércia, assim delineando, por um lado, a busca do aparelho psíquico em se manter livre de estímulos e, por outro, a pulsão de morte:

[...] um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante na vida psíquica, ou talvez da vida nervosa em geral, seja, tal como o expressa o princípio do prazer, o anseio [*Streben*] por reduzir, manter constante e

suspender a tensão interna provocada por estímulos (o princípio de Nirvana) (Freud, 1920b, p. 176).

Em *Além do princípio do prazer* (1920b), Freud anuncia que “[...] o princípio do prazer parece, de fato, estar a serviço das pulsões de morte [...]” (p. 181), pode parecer contraditório, pois aquilo que aparecera até então como um regulador da vida psíquica seria agora colocado em relação à morte.

No texto *Problema econômico do masoquismo* (1924), Freud retoma a questão do princípio de Nirvana, afirmando-o em distinção à tendência a manter as excitações constantes e ao princípio do prazer-desprazer. Desta maneira, afirma dois campos diferentes que diriam respeito a uma pulsão de vida na distinção de uma pulsão de morte:

[...] no curso do desenvolvimento dos seres vivos, houve uma modificação que transformou o princípio de Nirvana, associado à pulsão de morte, no princípio de prazer. Portanto, a partir de agora não mais consideramos o princípio de Nirvana e o princípio de prazer como uma mesma coisa. Penso que não é difícil adivinhar de que força partiu essa modificação do princípio de Nirvana: só pode ter sido da pulsão de vida, da libido, que impôs sua coparticipação na regulação dos processos de vida, colocando-se lado a lado com a pulsão de morte... o princípio do Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de prazer representa sua transformação em reivindicação da libido; e o princípio de realidade, a influência do mundo exterior (p. 106).

Freud (1920b) chega à distinção entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, articulando, mediante a escuta de seus pacientes, o trauma e o estudo dos sonhos. Ele observou que “[...] a vida onírica da neurose traumática apresenta característica de sempre reconduzir o doente de volta à situação de seu acidente, da qual ele desperta com um novo susto” (p. 140). Assim, por vezes, os sonhos se caracterizam por repetições em que o sujeito revive situações desconfortáveis de acidentes. A princípio, esse fato se assemelha às reminiscências histéricas que constituíam, segundo Freud e Josef Breuer, a causa do sofrimento histérico. Freud tenta encontrar respostas para a questão, que supõe os sonhos traumáticos distintos dos sonhos de realização de desejo. Dessa maneira, ele afirma que, na neurose traumática, “[...] a função do sonhar, entre tantas outras, também teria sido abalada e desviada de seus propósitos. Ou então, teríamos de invocar enigmáticas tendências masoquistas do Eu” (Freud, 1920a, p. 24).

Para corroborar a suposição desse campo além do princípio do prazer, Freud (1920a) traz a observação das brincadeiras de crianças pequenas, em especial a brincadeira de seu neto que, na ausência da mãe, joga repetidamente objetos para longe. A criança arremessava um carretel preso em um barbante para longe a ponto de fazê-lo desaparecer do seu campo de visão, gesto que era acompanhado por satisfação, seguido de uma expressão vocal de *o-o-o-o*, na qual podia-se reconhecer o significado *fort* (fora), em alemão, depois puxava para perto de si o carretel, com alegria, expressando-se com um *da* (aqui). Freud observa que seu neto repetia mais intensamente o ato do arremesso que, em si mesmo, seria somente desprazeroso para ele. Assim, ele conclui que o menino só suportaria repetir a experiência desagradável porque “[...] um ganho de prazer de outra ordem, porém imediato, se vincula a essa repetição” (Freud, 1920b, p. 143).

Nesse sentido, Freud (1920a) começa a se perguntar se haveria uma satisfação distinta daquela regulada pelo princípio do prazer, pois, na própria transferência negativa na relação com o analista, muitos pacientes repetiam o que fora recalçado da vivência de sua sexualidade infantil na fase edipiana, transferindo seus conflitos anteriormente vividos, em análise, para a pessoa do analista. Essa constatação permite que Freud (1920b) retome o texto *Recordar, repetir e elaborar*, escrito por ele em 1914, para ressaltar que o paciente, não conseguindo recordar o que fora reprimido, repete o material inconsciente como experiência atual.

Compulsão à repetição

Freud (1920b) reconhece, assim, uma compulsão à repetição, a qual manifesta a força do recalçado que, em sua predominância, só faz reviver o que causaria mal-estar, pois as moções pulsionais são reveladas. Porém, como relacionar esta compulsão ao princípio do prazer? Freud (*Ibid.*) formula questão similar ao se deparar com um impasse: o desprazer não necessariamente contradiz o princípio do prazer, eis que algo pode ser sentido como desprazer em um sistema e como prazer em outro. Mas, ao mesmo tempo, Freud reconhece que algumas experiências do passado, que “[...] em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções recalçadas naquela ocasião do passado [...]” (*Ibid.*, p. 145), seriam revividas.

Todos os fenômenos elencados por Freud, como os sonhos traumáticos e a repetição da brincadeira de seu neto, justificam a hipótese da compulsão à repetição, “[...] mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer, o qual suplanta [...]” (*Ibid.*, p. 148). Ao buscar melhor entender o funcionamento

da compulsão à repetição na ultrapassagem do princípio do prazer, ele adotou a neurose traumática como condutora da sua investigação. Para tanto, foi buscar na origem do aparelho psíquico, no tensionamento da noção de traumatismo e dor, a base para sua metapsicologia. De forma muito semelhante ao que vimos na montagem de um aparelho psíquico já no *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]), temos nesse momento um psiquismo regido em sua maior parte pelo inconsciente, e não pela consciência, que, em si, seria apenas uma função do sistema denominado de Cs, nomenclatura estabelecida no texto *A interpretação dos sonhos* (1900), por vezes substituída pelo sistema perceptivo-consciente (Pcpt-Cs).

Para melhor explicitar suas teses a respeito da constituição do aparelho psíquico e de seus sistemas, Freud (1920b) apresenta o exemplo da vesícula indiferenciada. Ele tenta demonstrar que a gênese biológica pode ser um modelo para pensar a constituição, a genealogia do aparelho psíquico e o papel dessa estruturação na defesa diante dos estímulos externos e internos. Essa vesícula se estruturaria “[...] construindo um formidável sistema de defesas, [...] as para-excitações, do lado fora, isto é, com relação à recepção externa dos estímulos, para amortizar ou minimizar ao máximo esses mesmos estímulos” (Monzani, 1989, p. 158). Entretanto, contra os estímulos internos não haveria tal proteção.

Freud (1920b) articula essa suposição à distinção realizada em *Estudos sobre a histeria* (1895), entre energias de “[...] cargas de investimento em repouso (capturadas) e energia das cargas de investimento livremente móveis” (p. 151). Ele partiria destas formulações iniciais para dar conta do que se apresentava em sua clínica com as histéricas, com a noção de trauma, que surge, nesse contexto, a partir da perspectiva física e médica, como efração do corpo do indivíduo, bem como relacionando-a às elaborações de Jean-Martin Charcot (1825 – 1893) sobre a concepção da neurose traumática ocasionada por eventos acidentais e catastróficos. No entanto, Freud não se restringe a essas elaborações no texto dos anos 20 e reconsidera a própria noção de traumatismo.

Traumáticas seriam as excitações externas fortes o bastante para romper o escudo que protege contra os estímulos. Portanto, esta proteção teria sua função limitada, eis que, diante de estímulos externos intensos e das excitações endógenas, sua eficácia seria colocada em risco. Assim, Freud presumirá que o princípio do prazer, entendido em sua demanda por um equilíbrio energético, seria posto fora de ação, pois, diante da perturbação econômica causada ao organismo pelo acontecimento traumático externo, não haveria possibilidade de “[...] impedir que grandes quantidades de estímulos inundem o aparelho, só resta ao organismo tentar lidar com esse excesso de estímulos, capturando-o e enlaçando-o [*binden*] psiquicamente para poder processá-lo” (Freud, 1920b, p. 154).

Tanto no caso da dor física como na do traumatismo, os mesmos mecanismos defensivos seriam acionados. A operação central é a mobilização de energias já dispostas no sujeito, funcionando como um contra-investimento que possa bloquear e imobilizar a energia invasora. Assim, os sonhos traumáticos mostrariam “[...] uma função do aparelho psíquico que, sem estar em contradição com o princípio do prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer” (Freud, 1920b, p. 156). O princípio do prazer só vigoraria depois que a função de ligação ocorresse, ou seja, depois de ter capturado e ligado a excitação invasora.

Dessa forma, os sonhos traumáticos surgiriam da necessidade de ligar retroativamente as excitações livres. Esse ato preparatório seria a passagem de um sistema – funcionando segundo processos primários – para os processos secundários. Porém, toda vez que o aparelho psíquico, já estruturado a partir dessa passagem, tiver tal condição abalada, como no traumatismo, “[...] então, novamente, o aparelho voltará a funcionar de acordo com essas exigências primitivas e colocará entre parênteses, até resolver o problema, a vigência e o domínio do prazer” (Monzani, 1989, p. 168). Nota-se que essa passagem, das excitações livres para as ligadas, não é definitiva para o aparelho psíquico, pois, ao deparar com eventos que para ele não teria ainda *preparação*, retoma a condição anterior, regida não pelo princípio do prazer, mas por algo além dele, que inclusive o desconsidera. É nesse argumento que o *Além do princípio do prazer* se sustenta em Freud.

Pulsão de morte e pulsões de vida

O problema é que Freud (1920b) reconhece que os impulsos da pulsão são regidos por processos primários que operam com moções livres e móveis de energia, por meio de deslocamentos e condensações. Pelo processo primário, há um escoamento rápido de energia que se refere ao modo de operar do sistema inconsciente, e a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria a de ligar essas excitações pulsionais. Uma falha nessa tarefa provocaria uma:

[...] perturbação análoga à neurose traumática. Só depois de ter havido um enlaçamento [*Bindung*] bem-sucedido é que poder-se-ia se estabelecer o domínio irrestrito do princípio do prazer (e de sua transformação em princípio de realidade). Enquanto isso não acontece, a tarefa do aparelho psíquico de processar [*bewältigen*] ou enlaçar [*binden*] a excitação teria prioridade, não

em oposição ao princípio de prazer, mas operando independente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração (p. 158-159).

Entretanto, resta uma questão para Freud (*Ibid.*) após a articulação estabelecida entre o pulsional e a compulsão a repetir: qual seria a natureza dessa relação? Ele responde a partir da asserção de uma característica universal das pulsões de ser:

[...] uma força impelente [*Drang*] interna ao organismo vivo que visa restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou se preferimos, da manifestação da inércia da vida orgânica (p. 160).

Ciente da ousadia em atribuir uma dimensão conservadora à pulsão, Freud continuará sua elucubração na tentativa de obter argumentos que ratifiquem sua ideia. Dessa forma, ele fará pesquisas em que observará comportamentos de animais e processos embrionários, validando a existência de forças conservadoras, mas terá que explicar a sua convivência com forças vitais no desenvolvimento do organismo, ou seja, explicar como uma pulsão de vida convive com a pulsão de morte.

Freud (1920a) demonstra que a contradição entre vida e morte é apenas aparente. As forças vitais são apenas desvios no caminho da morte, assim ele dirá que “[...] o objetivo de toda vida é a morte e, voltando o olhar para trás, que as coisas inanimadas existiram antes das vivas” (p. 49). Ao tentar demonstrar a genealogia da pulsão, nesse momento, Freud (1920b) remonta à hipótese de seu surgimento: “[...] a tensão que foi gerada na substância até então inanimada buscava por todos os meios para distensionar-se e desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado” (p. 162). Essa tensão nos remete ao que Freud já traz como estímulos endógenos no texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]). No início da vida dessa substância seria fácil morrer, até o momento em que

[...] circunstâncias e forças externas determinantes se modificaram a tal ponto que a substância viva ainda sobrevivente teve que fazer desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e percorrer caminhos cada vez mais complicados para poder alcançar o objetivo final de morrer (Freud, 1920b, p. 162).

Esses desvios do objetivo último de morte seriam preservados pelas pulsões conservadoras e, sob essa perspectiva, desapareceria o valor teórico dado às pulsões de autoconservação, de autoafirmação e as pulsões de apoderamento, as quais se encontram na repetição, principalmente nas brincadeiras das crianças. Essas seriam pulsões parciais, “[...] cuja função é assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e afastá-lo de qualquer possibilidade – que não seja imanente a ele mesmo – de retornar ao inorgânico” (Freud, 1920b, p. 162). Portanto, o organismo teria um caminho próprio para alcançar o objetivo da vida – a morte – e ele quer morrer à sua maneira e “[...] assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviçais da morte” (*loc. cit.*). No entanto, essa maneira própria do organismo buscar a morte, por seu caráter puramente pulsional, estaria em oposição a uma ação que poderia ser qualificada de inteligente. Não se trata de um modo de morrer que passe pela consciência “[...] daí o paradoxo de que o organismo vivo lute tão energeticamente contra as forças (os perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar por um atalho bem mais curto seu objetivo vital de morrer [...]” (*loc. cit.*).

Freud (1920b) encontrará a busca pela morte no seu enlace com a vida. Desse modo, utiliza a analogia biológica das células germinativas para tentar entender a função da pulsão sexual a partir de sua tese da pulsão de morte. Essas células possuiriam existência autônoma, pois conservariam a estrutura original da substância viva trabalhando contra a morte dessa substância, de forma a prolongar o caminho do percurso para a morte. Ele ressalta que essa capacidade da célula germinativa só seria possibilitada pela fusão desta com outra célula, ao mesmo tempo semelhante e diferente dela. Por esse viés, temos a ligação dessas células abordada no sentido do que conservaria a vida para o organismo. Assim, Freud lança mão de um novo dualismo pulsional, elencando as pulsões de vida (abarcando as pulsões do Eu e pulsões sexuais) como sendo energia libidinal do amor que busca unificar o estado das coisas, contribuindo com os laços sociais, o que faz o sujeito participar da ordem cultural em geral. Por outro lado, a pulsão de morte opera como pulsão agressiva ligada ao ódio, à destruição.

Para Freud (1920b), as pulsões de vida são ainda mais conservadoras que a pulsão de morte, pois visariam o retorno a estados arcaicos da substância viva, mostrando-se extremamente resistentes às forças externas. Seriam, “além disso, também [...] conservadoras em um sentido bem mais amplo, na medida em que preservam a vida por períodos mais longos” (p. 163). Freud demonstra como funcionaria esse novo dualismo ao declarar que:

[...] é como se houvesse um ritmo alternado na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto (p. 164).

No texto *O Eu e o Id* (1923), Freud irá expor que tanto a pulsão de vida como a pulsão de morte agem de maneira conservadora, na medida em que se dedicam a restaurar um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. Diremos, então, que a vida consiste ao mesmo tempo em uma luta e um acordo de compromisso entre essas duas pulsões opostas (Freud, 1923). As pulsões de vida e de morte se mesclariam uma na outra, havendo a possibilidade de relativizar uma junção e disjunção. A mistura entre as duas, na maioria das vezes, seria desigual, ou seja, em alguns momentos existiria uma tendência em predomínio.

Quanto à questão da morte em psicanálise, para Braunstein (2007), ela tem que ser entendida não propriamente como uma ansiada busca por inércia, algo que uma leitura de Freud apressada poderia sugerir, mas como o registro da paixão impossível de um sujeito às voltas com suas “[...] atri(e)bulações de suas derivas, de suas lutas antieconômicas que vulnerabilizam o princípio do prazer. Por isso, justificam os sarcasmos que Lacan dirige a Freud quando este fala das virtudes unitivas de Eros” (p. 52).

Freud (1920a) mesmo parece ser bem crítico quanto à crença no impulso para perfeição e harmonia das coisas na vida humana. Ele considera que a incansável busca pela perfeição, realizada por alguns raros indivíduos, não é mais que um resultado do recalque pulsional que se alinha com a ordem civilizatória. Entretanto, Freud diz que o reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca de uma satisfação completa. Portanto, sublimações e formações reativas não bastaram para retirar a tensão persistente trazida sempre pelo que está reprimido, uma vez que “[...] diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas [...]” (Freud, 1920a, p. 52-53). É a exigência de trabalho da pulsão, hiância (falha) entre prazer e satisfação obtida, que alimenta a busca humana que vai do desejo ao gozo.

O Supereu (Superego) e o gozo

No texto *O Eu e o Id* (1923), Freud nos denuncia o massacre do Eu por uma instância que representa o Ideal de Eu, instância psíquica contraditória – o Supereu, que diz você deve gozar, mas não pode gozar. Essa instância psíquica é um rebotalho dos resíduos das primeiras escolhas objetais, herdeira do complexo de Édipo e formada pelas renúncias edípianas. Freud (1923) a relaciona à pulsão de morte, “[...] sua relação com o Eu não se esgota na advertência: ‘Assim (como o pai) você deve ser’; ela compreende também a proibição: ‘Assim (como o pai) você não pode ser’” (p. 31), ou seja, sempre demarcando a característica da impossibilidade de se atingir a satisfação almejada.

O Supereu exerce a função estruturante de barrar o incesto e erigir assim a lei, mas também possui um caráter cruel e coercitivo. Seu imperativo de culpa superegóica inconsciente se alinha com certa manutenção do sofrimento. Nesse sentido, uma pessoa pode considerar não ser digna de ter seu sofrimento aliviado, preferindo abandonar a análise em nome de seu enlace com sintoma. No Supereu, vê-se a articulação entre punição (em forma de um masoquismo), compulsão à repetição e pulsão de morte.

Anunciar a pulsão de morte leva Freud (1920a) a conceber um masoquismo primordial. Em outros momentos, como nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b) e *Pulsão e destinos da pulsão* (1915), ele pensara o masoquismo como pulsão complementar ao sadismo, portanto secundário. Porém, no texto *O problema econômico do masoquismo*, Freud (1924) irá distinguir três formas de masoquismo: “[...] como uma contingência da excitação sexual, expressão da essência feminina e como norma ou regra de comportamento (*behavior*)” (p. 107). A primeira corresponderia ao masoquismo primário e erógeno, caracterizando-se pelo prazer na dor. A segunda teria elementos que apontam para uma tentativa do sujeito se remeter à posição feminina, associada à castração e impotência, manifestada por fantasias como a de ser humilhado ou amarrado. A terceira tem como marca fundamental o sentimento de culpa inconsciente, que se manifesta nas reações terapêuticas negativas nas quais o sujeito insiste em se manter sofrendo e se autopunindo.

O masoquismo erógeno estaria presente e teria feito parte de todas as fases evolutivas da libido, das mais diversas variedades e articulações: “[...] assim, o medo de ser devorado pelo animal-totem (pai) proveria da organização primitiva oral, o desejo de ser surrado pelo pai se deveria à fase seguinte anal-sádica; o conteúdo das fantasias masoquistas de castração – apesar de mais tarde ser renegado” (Freud, 1924, p. 110). O masoquismo é uma das formas de manifestação

da pulsão de morte em que fica explícita a relação peculiar entre o Supereu e um masoquismo moral. Freud nos aponta que as relações entre a satisfação e o masoquismo são complexas, pois demonstra que nem mesmo a autodestruição originada na pulsão de morte pode ocorrer sem satisfação libidinal. Neste sentido,

[...] o masoquismo moral é um perfeito testemunho da existência de uma fusão pulsional. Por outro lado, sua periculosidade deriva de sua origem na pulsão de morte, daquela parcela que escapou de ser direcionada para fora sob forma de pulsão de destruição, mas, por outro, o masoquismo moral também representa [Bedeutung] um componente erótico... mesmo no processo de autodestruição do sujeito, não poderá faltar uma satisfação libidinal (Freud, 1924, p. 115).

Freud subverte a relação entre a exigência moral externa e a renúncia pulsional, que seriam advindas das proibições, ao propor que a exigência moral seria o determinante originário, ao passo que a renúncia à satisfação seria um resultado dessa exigência. Entretanto, isso não explicaria a raiz da moral, pois o que ocorreria seria uma ordem inversa: “[...] primeiro as forças externas impõem a renúncia à satisfação da pulsão e, em seguida, essa renúncia leva à instituição das normas da moralidade, as quais se expressam então na consciência moral, a qual passa a exigir ainda mais renúncias pulsionais” (*Idem*, p. 115). Nesse *mais ainda* da exigência à renúncia pulsional, encontra-se uma manifestação de um para além do princípio do prazer, compondo a manifestação do gozo que se expressa na compulsão à repetição.

Considerações finais

Na teoria do trauma em Freud, já se vislumbra algo de um gozo impossível de ser manejado, expresso no excesso de excitação e carga que se apresenta indo além das representações. No estabelecimento da neurose, o gozo retorna demandando um interlocutor, um sujeito que possa responder sobre esse “mal”, pelo único meio possível de bordejá-lo, qual seja, através da palavra. Nesse sentido, podemos entender o sintoma como um meio de satisfação substitutiva no qual o sujeito encontra satisfação na queixa, na dor.

Quanto ao conceito de pulsão, expressão da sexualidade humana, ele nos traz a problemática da satisfação e sua ressonância no conceito de gozo elaborado por Jacques Lacan. Trata-se da referência feita por ele de que o alvo da pulsão é a

satisfação, a qual só é obtida de modo parcial pela própria natureza da pulsão, que é ser pressão constante e não-momentânea como uma satisfação da necessidade. Nesse sentido, Freud (1905a) pôde falar sobre pulsão de alvo inibido, encontrada na sublimação e no recalque, que se satisfaz em seu retorno nas formações do inconsciente: sonho, chiste, ato falho e sintoma.

No momento teórico referente à enunciação de uma pulsão de morte, Freud torna explícito o que já estava implícito no *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]): o princípio de inércia do aparelho neuronal, concebido como uma busca da ausência de estímulos articulado a uma inércia e à morte. Dessa forma, veremos Freud tratar da questão do prazer-desprazer nos limiares de seus contornos, o que ocorre no texto *Para além do princípio do prazer* (1920b), não necessariamente articulado ao princípio de constância.

Concluimos, portanto, destacando a relativização radical que Freud (1920b) estabelece para a noção de satisfação pulsional, não equivalendo necessariamente ao prazer. Esse ponto é fundamental para a questão do gozo em psicanálise. Percebemos, assim, que seria impossível não nos reportarmos a Freud, pois Lacan nos adverte que o gozo tem a ver com a busca por uma satisfação de pulsão de morte. Portanto, o gozo só seria possível de ser teoricamente estabelecido mediante a demarcação da libido, da energia pulsional que, *a priori*, foi revelada por Freud. □

Abstract

The Lacanian concept of *jouissance* and its basis in Freud's theory

Lacan, in expliciting the *jouissance* concept in *The seminar, book VII, The ethics of psychoanalysis* (1959/1960), hinges it to the satisfaction of a death drive which transcends the limits of the pleasure principle, therefore bringing, most of the times, satisfaction in pain, generated by an unconscious compulsion to repetition. Therefore, metonymically, working-through *jouissance* in Lacan takes us to key notions and concepts in Freud, without which verbalizing it would be only jargon, and not a theoretical construction from the symptoms from the clinical work. We state that it would be impossible to conceive this working-through of *jouissance*, evoked in the above-mentioned seminar, without referring to the conceptual bases that render possible the *jouissance* concept in Lacan, as well as to a notion of *jouissance* in Freud.

Keywords: Freud; Lacan; Death drive; *Jouissance*

Resumen

Las bases, em Freud, del concepto lacaniano de goce

Lacan, al hacer explícita la cuestión de lo goce en *El seminario*, libro 7, *La ética del psicoanálisis* (1959/1960), lo articula a satisfacción de una pulsión de muerte que sobrepasa los límites del principio del placer, lo que hace que, en la mayoría de las veces, la satisfacción en el dolor, generada por una compulsión inconsciente a la repetición. Así, metonímicamente, la elaboración del concepto de goce en Lacan nos lanza a nociones y conceptos fundamentales en Freud, sin lo cual su enunciación se limitaría solo a la jerga y no como una construcción teórica de la clínica. Afirmamos que no sería posible concebir la elaboración del concepto de goce, evocado en el VII seminario, sin referirse a las bases conceptuales que hicieron posible el concepto de goce en Lacan, así como el encuentro con una noción de goce en Freud.

Palabras clave: Freud; Lacan; Pulsión de muerte; goce

Referências

- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 335-443). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1896). Carta 69. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 309-310). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1900). A psicologia dos processos oníricos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 5, parte II, pp. 541-646). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1905). El chiste y su relación con lo inconsciente. In *Sigmund Freud Obras Completas*. (Tomo 1, pp. 1029-1132). Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- Freud, S. (1905a). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. 8, pp. 17-219). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII, pp. 119-229). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1909). Duas Histórias Clínicas (o Pequeno Hans e o Homem dos Ratos). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 10) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Freud, S. (1910). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol.11, pp. 217-228). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1913-1914). O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12) Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. I, pp. 95-119) Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1915). Pulsão e destinos da pulsão. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. I, pp. 133-173) Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1920a). Além do princípio de prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1920b). *Além do princípio do prazer*. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. In *O Eu e o Id "Autobiografia" e outros textos*. (Vol. 16, pp. 9-63), 2011.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do Masoquismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 103-124). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana*. (Vol. 3, 7a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente*. (24a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Julien, P. (1996). *O estranho gozo do próximo. Ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1959/1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Miller, J. A. (2012). Os seis paradigmas do gozo. *Revista Opção Lacaniana On Line nova série*, 3(7). Recuperado de http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf.
- Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Única
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: do mito à pulsão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido em 04/12/2018

Aceito em 04/06/2019

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler**

Flávia Parizi Pedroso Coelho

Av. Prof. João Rabelo Costa, 884

Oliveira – MG – Brasil

35540-000

e-mail: flaviaparizipsi@hotmail.com

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Rua Resplendor, 57

Divinópolis – MG – Brasil

35500-168

e-mail: caoleite@yahoo.com.br

Pedro Sobrinho Laureano

UFSJ – CDB – DPSIC

Praça Dom Helvécio, 74

São João Del-Rei – MG – Brasil

36301-160

e-mail: pedro@laureanopsi.com.br

Wilson Camilo Chaves

UFSJ – CDB – DPSIC

Praça Dom Helvécio, 74

São João Del-Rei – MG – Brasil

36301-160

e-mail: camilo@ufsj.edu.br

© Revista de Psicanálise – SPPA